

MÉTODO DIALÉTICO EM HEGEL E MARX: A INVERSÃO DO PROGRAMA TEÓRICO DE HEGEL POR MARX

Christian Iber¹

Resumo: Marx não apenas flertou com o modo de expressão Hegeliano na sua obra *O Capital*, mas ele próprio pretendia trabalhar o racional da lógica dialética de Hegel. O artigo tenta esboçar a inversão de Marx do programa teórico de Hegel mostrando, primeiro, que esta inversão não deve ser entendida num sentido metafísico como programa de um materialismo dialético e histórico, como fizeram primeiro Engels e depois o marxismo tradicional. Em segundo lugar, será demonstrado que a inversão de Marx do programa teórico de Hegel toma mais emprestado a este último do que é normalmente assumido, em particular Marx partilha a crítica de Hegel à concepção instrumental do conhecer que está subjacente ao cepticismo metodológico em relação ao conhecer na filosofia e ciência moderna e contemporânea. O artigo defende uma renovação do marxismo com base num Hegel-marxismo.

Palavras-Chave: Lógica dialético-especulativa; lógica dialetica racional; método dialético; dialética como método; programa teórico de Hegel e Marx.

DIALECTICAL METHOD IN HEGEL AND MARX: THE INVERSION OF HEGEL'S THEORETICAL PROGRAM BY MARX

Abstract: Marx not only flirted with the Hegelian mode of expression in his work *Das Kapital*, but himself intended to work out the rational of Hegel's dialectical logic. The article attempts to sketch Marx's reversal of Hegel's theoretical programme by showing, first, that this reversal is not to be understood in a metaphysical sense as the programme of a dialectical and historical materialism, as first Engels and then traditional Marxism did. Second, it highlights that Marx's inversion of Hegel's theoretical programme borrows more from the latter than is usually assumed, in particular Marx shares Hegel's critique of the instrumental conception of cognition that underlies the methodological scepticism of cognition in modern and contemporary philosophy and science. The article argues for a renewal of Marxism on the basis of a Hegelian Marxism.

Keywords: Speculative-dialectical logic; Rational dialectical logic; Dialectical method; Dialectics as method; Theoretical programme of Hegel and Marx.

¹ Professor Universität Freiburg; Docente livre e Pesquisador Freie Universität Berlin. ORCID: 0009-0008-9252-5790. E-mail: iber_bergstedt@yahoo.de.

Introdução

O “Método dialético em Hegel e Marx: Considerações sobre inversão do programa teórico de Hegel por Marx” tem como objetivo tratar da crítica de Marx a Hegel ao seu método dialético especulativo e propor uma lógica dialética racional. Para desenvolver tal estratégia argumentativa a pesquisa trata da diferença entre o programa teórico de Hegel e Marx em oito etapas:

1ª) Delineia-se em termos gerais a importância do método na lógica especulativo-dialética de Hegel para uma lógica materialista dialética no sentido de Marx. 2ª) Estabelece-se um paralelo entre a logificação idealista da efetividade em Hegel e a redução da teoria de Marx a um método dialético na interpretação mais recente de Marx. 3ª) Discute-se a inversão de Marx do programa teórico de Hegel de duas maneiras: a inversão da primazia da teoria para a primazia da prática e a inversão do idealismo/realismo em Hegel para o realismo/idealismo em Marx. 4ª) Aborda-se o problema da relação entre o ser e a consciência em Marx e Engels; coloca-se a questão de saber se a teoria marxiana segue o duplo programa de um materialismo dialético e histórico à medida que Engels se aproxima daquela teoria. 5ª) Analisa-se a dialética como método do conhecer na disputa metodológica das ciências modernas. 6ª) Usa-se a crítica de Hegel a Kant para elaborar a crítica de Hegel à concepção instrumentalista do conhecimento, que é compartilhada também por Marx. 7ª) Com a crítica da concepção do conhecer como ferramenta e com a prova de que o conhecer tem a finalidade de averiguar a verdade dentro de si mesma, torna-se claro que a principal limitação do conhecimento por Kant é insustentável. 8ª) Abre-se a visão para a questão de como e para que fim a lógica dialética desenvolve as categorias lógico-abstratas do conhecimento da efetividade. Finalmente, é colocada a questão o que a inversão do programa teórico de Hegel por Marx significa para uma lógica dialética racional sem o absoluto.

1 - Importância do método na lógica dialético-especulativa hegeliana para uma lógica dialético-racional

Embora seja questionável se é conveniente que a explicação do programa de uma lógica dialética racional se concentre na questão metodológica da teoria de Marx, a seguir serão feitas algumas considerações sobre a dialética como método em Hegel e Marx. A dialética como método da teoria de Marx deve ser diferenciada da própria lógica dialética. Nossa intenção de pesquisa não é colocar a teoria do capitalismo de Marx e seu método

no centro, mas trata de uma doutrina dialética das categorias que se desprende do absoluto hegeliano.²

A moderna teoria dialética das categorias assume o papel da lógica Hegeliana e não está localizada na filosofia real, à qual a teoria do capitalismo de Marx também pertence. Entretanto, a lógica não está mais no início das ciências reais tratadas por Hegel na *Enciclopédia das Ciências Filosóficas* (Lógica-Natureza-Espírito), mas no final. A lógica dialética racional mostra como aquelas categorias do pensar trabalham quando o pensar quer desenvolver o conceito de uma Coisa, e precisamente independentemente do conteúdo particular de uma Coisa, ou seja, as categorias apreendem apenas o conteúdo geral de uma Coisa. A primazia da lógica sobre as ciências individuais deixa de existir porque, ao contrário de Hegel, ela não desempenha mais um princípio fundamentador para as outras ciências filosóficas. Por causa disso ela está situada no final da Filosofia. Marx segue assim a crítica de Schelling à primazia da lógica sobre a natureza e o espírito.

A propósito, a metodologização tradicional da teoria do capitalismo de Marx é uma trivialização e um empobrecimento, que se torna, de fato, uma espécie de destruição teórica da crítica de Marx ao capitalismo. Temas como a relação do lógico e do histórico, ou seja, o explicável e o apenas empiricamente observável ou a relação do abstrato e do concreto, pesquisa e apresentação etc., são realmente pobres e têm sido discutidos tão frequentemente que o sentido crítico dessas distinções perdeu a relevância. A teoria marxiana sobreviveu nas universidades reduzida a este nível metodológico, ficando assim privada de seu potencial teórico de prática emancipadora.

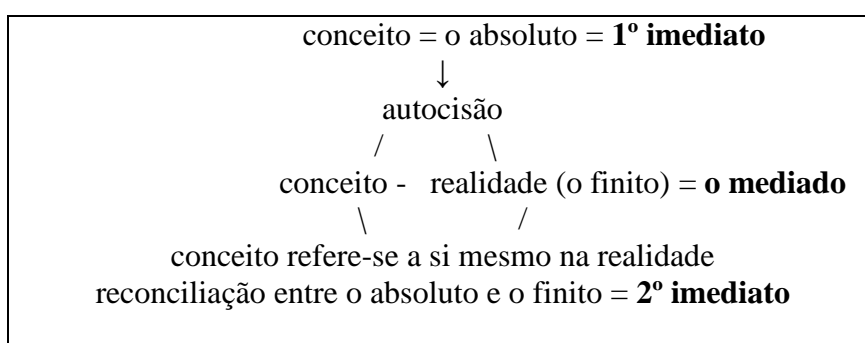
No que diz respeito à teoria marxiana, o que interessa é o conteúdo desta teoria. Hegel já observou que o método separado do conteúdo é um erro. O método é o caminho do pensamento pelo qual um conteúdo é desenvolvido. Hegel discutiu o método da lógica dialético-especulativa no final da Lógica como o movimento do conceito absoluto, que se dá a si mesmo sua própria realidade e, nisso, se refere a si mesmo. O conceito Hegeliano, que *primeiro* tem o status do absoluto, é dividido em um *segundo passo* em conceito e realidade, que se confrontam como finitos. Em um *terceiro passo*, é mostrado que o conceito se refere a si mesmo face à realidade, que é oposta a ele. Para Hegel, o conceito é o demiurgo da realidade.³

² Sobre uma lógica dialética racional que vai além da dialética como método, Marx se pronunciou em uma carta a Engels (1868), in: MEW 29, p. 260.

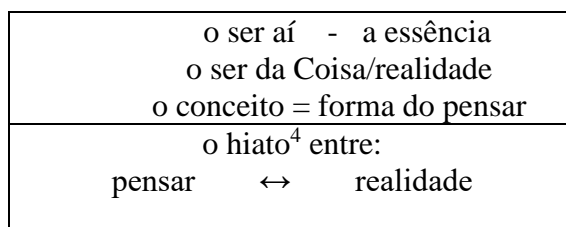
³ Cf. Hegel, 2018, p. 323-328.

O método da lógica racional defende que o que deve ser desenvolvido no pensar tem, em *primeiro* lugar, um *ser aí* determinado, que é, *segundo*, determinado por sua *essência*. Em *terceiro*, a conexão entre o ser aí e a essência da Coisa deve ser trazida ao *conceito*. O pensar pode adquirir um conceito objetivo da Coisa – seu ser aí e sua essência. O pensar pode compreender como seu ser aí é determinado por sua essência. O pensar é o trabalho no conceito da Coisa, que não pode ser derivado do pensamento, mas está pressuposto ao pensar. O conceito não é, como no caso de Hegel, o demiurgo da realidade, mas é e permanece uma forma do pensar.

O método como movimento do conceito em Hegel:



O método como trabalho no conceito da Coisa numa lógica dialético-racional:



Resumo: O método é o andamento do pensar pelo qual um conteúdo é desenvolvido. Hegel discutiu o método da lógica especulativo-dialética no final da lógica como o movimento do conceito absoluto, que se dá a si mesmo sua própria realidade e, nesse caso, se refere a si mesmo. Para Hegel, o conceito é o demiurgo da realidade. De acordo com a lógica dialética racional, o pensar é o trabalho no conceito da Coisa, que não pode ser derivada do pensar, mas está pressuposta a ele. O conceito não é, como no caso de Hegel, o demiurgo da realidade. A diferença entre o pensar e a realidade permanece não supressumida em Marx. Se Hegel parte da identidade do pensar e do ser, Marx assume a diferença não supressumível entre os dois.

⁴ A expressão “hiato” é usada no sentido de brecha, lacuna, de uma diferença não supressumível.

2 - A logificação da efetividade em Hegel e a metodologização da teoria marxiana

2.1 - A logificação da efetividade em Hegel

"Não a lógica da Coisa, mas a Coisa da lógica é o momento filosófico" em Hegel, diz Marx em seu escrito *Crítica à filosofia do direito de Hegel* (cf. Marx 1843, MEW 1, p. 216).⁵ Isso significa que as categorias universais da lógica fundamentam o conteúdo particular da Coisa investigada. Segundo Marx, o equívoco de Hegel consiste no fato de que a necessidade de sua derivação da Coisa particular é apenas de natureza lógica universal. Isso significaria que a Coisa seria determinada em seu conteúdo particular pelas determinações abstrato-universais da lógica. A Coisa determinada seria, portanto, o que ela seria em abstração de sua determinidade. Isso é uma contradição, porque as categorias abstrato-universais da lógica não atingem o conteúdo particular de um objeto das ciências singulares. Contra essa aplicação de determinações lógicas universais abstratas à coisa particular, Marx estabelece o programa de desenvolver "a lógica peculiar do objeto peculiar".⁶

Exemplo: O Estado como organismo político não pode ser derivado do organismo em geral. Nas discussões sobre o que é um organismo, é precisamente o Estado como um organismo particular, ou seja, um organismo político, que é abstraído. Não emerge da determinação universal do organismo o que é o Estado como organismo político. Hegel não indica a diferença específica o que torna o organismo um organismo político. O que Hegel diz sobre a coerência orgânica não pertence, portanto, à filosofia do direito, mas à lógica, diz Marx.⁷

A lógica não pode, portanto, ter função determinante para as ciências reais. As categorias lógicas têm um caráter universal (ser, ser aí, algo e outros etc., essência, aparecimento, contradição, oposição etc.), que se abstrai do conteúdo particular dos objetos das ciências singulares e que também não podem ser derivadas das categorias lógicas. A contradição do capital e do trabalho, por exemplo, não resulta do conceito de contradição. A substância econômica do Estado não resulta da categoria lógica da substância. As categorias lógicas estruturam o conteúdo particular dos objetos das ciências singulares; *como* categorias lógicas, porém, elas têm um *caráter universal*. A

⁵ Cf. Marx 1843, MEW 1, p. 216.

⁶ Mais precisamente, Marx diz na *Crítica da filosofia do direito de Hegel*: "Mas esse *compreender* não consiste, como pensa Hegel, em reconhecer por toda parte as determinações do conceito lógico, mas em apreender a lógica peculiar do objeto peculiar" (Marx, 2010, p. 108).

⁷ Cf. Marx, 2010, p. 34-36. "Não se construiu, porém, nenhuma ponte pela qual se possa chegar à *ideia determinada do organismo do Estado ou da constituição política a partir da ideia universal do organismo*, e tal ponte não pode ser construída nem na eternidade" (Marx, 2010, p. 35).

lógica é apenas a última reflexão do pensar sobre sua ação nas ciências reais, na medida em que ele tematiza as categorias com as quais ele trabalha nas ciências reais em sua universalidade. Portanto, a lógica está no final das ciências e não no início.⁸

2.2 - A metodologização da teoria marxiana

A redução da crítica de Marx ao capitalismo a um método dialético tem sido um tema importante da recente interpretação de Marx. O estudo dessa redução é o fio condutor do livro de Helmut Reichelt: *O Capital. A estrutura lógica do conceito de capital* (1970, 2021). O foco não estava no que Marx encontrou de errado no conteúdo de mercadoria e dinheiro, capital e trabalho assalariado, acumulação de capital e acumulação primitiva, mas, inversamente, a crítica de Marx ao capitalismo serviu para provar um método dialético que Marx supostamente aplicou no livro *O Capital*. A redução de *O Capital* em um método dialético implica a *separação* dos conceitos universais frente à realidade da sociedade burguesa, ou seja, não são a mercadoria, o valor, o valor de uso etc., que explicam as interrelações da sociedade burguesa. Longe disso. Eles são quimeras, "conceitos puros" que nada têm a ver com a realidade da sociedade burguesa. O erro hegeliano de ver categorias lógicas em ação em todos os lugares na efetividade se repete, por assim dizer. Desta forma, a metodologização da teoria de Marx realiza a negação do conteúdo crítico dessa teoria. A crítica de Marx ao capital não serve como um meio de combatê-lo, mas como uma prova da dialética como método com a qual se pode engajar com sucesso no empreendimento acadêmico da universidade. Esta é a expulsão de Marx com um alto nível teórico.

126

3 - A inversão do programa da teoria hegeliana por Marx

3.1 - A inversão da primazia da teoria pela primazia da prática

A inversão de Marx do programa teórico de Hegel é considerada mais de perto, numa dupla inversão: a inversão (1) do primado do ideal/conceito para o primado do real e prático, e a inversão (2) do idealismo/realismo em Hegel para o realismo/idealismo em Marx. No que diz respeito à primeira inversão, pode-se dizer que Hegel persegue a teoria por causa da teoria, enquanto Marx visa a crítica prática do capitalismo, razão pela qual ele teve que buscar a ciência.

⁸ A intenção de Marx é expressa sucintamente por Adorno quando ele diz: "Não é a Primeira Filosofia que está no tempo, mas uma última". (Th. W. Adorno, 1976, p. 47).

3.2 - A inversão do idealismo/realismo em Hegel no realismo/idealismo em Marx

Esta segunda inversão poderia ser entendida desta forma: O idealismo de Hegel é, ao mesmo tempo, um realismo positivista. Por um lado, a mistificação idealista especulativa da realidade empírica a rebaixa ao aparecimento da ideia; por outro, a realidade é assumida positivamente como inexplicável e não compreendida. A idealização especulativa da realidade e sua afirmação positivista, o idealismo especulativo e o realismo positivista se complementam. Marx, por outro lado, esforça-se para penetrar conceitual-idealmente a realidade da sociedade burguesa e, assim tirar desta realidade sua dadibilidade meramente positivista.⁹

Hegel: idealismo especulativo/realismo positivista
Marx: Realismo/conceito ideal

É importante notar que Marx não considerava a lógica dialética enquanto doutrina das categorias como uma pressuposição indispensável para a teoria do capitalismo. Mas o conhecimento desta lógica facilita a crítica do capitalismo e da ideologia. Por isso ele considerou útil, ao final da crítica ao capitalismo, abordar as categorias em uma lógica dialética.¹⁰

Há, portanto, uma inversão macroestrutural em Hegel e Marx. Ou seja, Hegel na *Enciclopédia*, em nível macro, coloca no início do sistema das ciências filosóficas (Lógica, Filosofia da Natureza, Filosofia do Espírito) a lógica inteira como princípio fundamentador das outras partes do sistema, na *Ciência da Lógica* o método dialético, isto é, a parte resumida da lógica é posto no fim. Em Marx, em nível macroestrutural, existe *O Capital* como ciência real concreta e as considerações sobre o método dialético em *O Capital* e sobre a lógica dialética racional. Tanto a reflexão sobre o método usado em *O Capital*, quanto o projeto de uma lógica dialética racional são postos ao lado da ciência executada, tematizados nos posfácios e prefácios dessa obra e em cartas¹¹. Em Marx, tanto o método, quanto a lógica perdem sua função fundamentadora.

3.3 - A relação entre o ser e a consciência

⁹ Cf. Comentário de Marx ao § 62 da *Filosofia do Direito* de Hegel, in: Marx, 2010, p. 29-31.

¹⁰ Cf. A já mencionada carta de Marx para Engels (1858), em: MEW 29, p. 260.

¹¹ Cf. O famoso posfácio da segunda edição de *O Capital*, 2013, p. 83-91. Cf. também o item “O método da economia política” na introdução do *Grundrisse*, 2011, p. 54-61.

A teoria marxista não é meramente uma inversão do idealismo hegeliano. Esta suposição foi sugerida pela interpretação tradicional do marxismo, que transformou a teoria de Marx no duplo programa de materialismo dialético e histórico.

Deste duplo programa, considero apenas a primeira metade útil, o materialismo dialético, mas não o materialismo histórico. A primeira parte da *Ideologia Alemã* de Marx/Engels (1845/46), que, seguindo Feuerbach, desenvolve uma concepção materialista questionável da história crítica do idealismo, é considerada a pior parte dessa obra. Contra a filosofia idealista da história formulada por Feuerbach e os Jovens Hegelianos, Marx e Engels formularam o seguinte contra programa:

A produção das ideias, das representações, da consciência está no início diretamente entrelaçada com a atividade material e a relação material dos homens, a linguagem da vida real. O representar, o pensar, as relações espirituais dos homens ainda aparecem aqui como a emanção direta de seu comportamento material. O mesmo vale da produção espiritual como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc. de um povo [...]. Muito ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui sobe-se da terra para o céu (Tradução do autor).¹²

Aqui, Marx e Engels estão menos preocupados em obter um conhecimento do conteúdo da relação entre o ser social e a consciência do que em afirmar metodologicamente uma relação condicional entre o ser social e a consciência que é o oposto do idealismo¹³. Enquanto para os Hegelianos o espírito cria o mundo, Marx e Engels afirmam que a "atividade material" das pessoas produz sua própria "consciência".

Entretanto, a inversão de uma falsa relação de condição e efeito entre o ser e a consciência não apresenta de forma alguma a verdade. Em primeiro lugar, eles identificam a consciência com a falsa consciência ideológica e, em segundo lugar, afirmam a dependência desta consciência ideológica das condições materiais da vida das pessoas. Entretanto, isso não critica o conteúdo da consciência ideológica. Ao contrário, o que é negado é apenas a autossubsistência da consciência em geral. A visão de que o ser social determina a consciência, a afirmação de uma conexão determinista entre o ser

¹² K. Marx; F. Engels. *Die deutsche Ideologie [A ideologia alemã]*, in: MEW 3, p. 26.

¹³ Eles seguem assim a objeção central de Feuerbach a Hegel, que aquele formulou em 1843 em suas *Vorläufige Thesen zur Reform der Philosophie [Teses Preliminares sobre a Reforma da Filosofia]* (1827/28): "O pensar é do ser, mas o ser não é do pensar". In: L. Feuerbach. *Gesammelte Werke*, vol. 9, Werner Schuffenhauer (Org.), Berlin 1970, p. 243-263. Feuerbach segue aqui, também de acordo com a redação, uma consideração de Schelling em sua *Philosophie der Offenbarung [Filosofia da Revelação]* (1848): "Pois não é porque há um pensar que há um ser, mas porque há um ser que há um pensar". In: W.J. Schelling. *Gesammelte Werke (SW)* (1856-61), vol. XIII, p. 151, nota 1).

social e a consciência, tem sido desde então chamada de "materialismo dialético e histórico".

O andamento da história dissolve as representações ideológicas por si só, porque a sociedade burguesa está trabalhando para sua própria abolição. Este foi o diagnóstico otimista de Marx e Engels. Marx abandonou esse otimismo histórico infundado, que se baseia em uma simples e, portanto, falsa inversão da relação idealisticamente concebida entre o ser e a consciência, em *O Capital*. Em *O Capital*, em todo caso, ele não nega mais a necessidade da crítica da consciência ideológica. É por isso que Marx não se arrependeu mais tarde de deixar a *Ideologia Alemã* à crítica roedora dos ratos.¹⁴ Marx corrigiu sua falsa suposição na *Ideologia alemã* de que a consciência é um "produto social" e enfatizou que os *falsos conteúdos* da consciência dos indivíduos na sociedade burguesa têm seu fundamento nas *restrições e coerções práticas da sociedade capitalista*.

Infelizmente, em seus escritos posteriores – *Dialética da Natureza*, 1873; *O Desenvolvimento do Socialismo da Utopia à Ciência*, 1880; *Anti-Düring*, 1878; *Ludwig Feuerbach e a Saída da Filosofia Clássica*, 1886 –, Engels não corrigiu este erro na *Ideologia Alemã*, mas o manteve e assim contribuiu significativamente para a formação do Marxismo como materialismo dialético e histórico. Ao longo de todo, Engels determina a "consciência" como um "produto social", como uma "expressão" das relações sociais, portanto, ele afirma a dependência unilateral da consciência ~~de~~ pelo ser social ou de sua condicionalidade pelo ser social.

Engels substituiu assim a explicação de Marx em *O Capital* da relação específica entre a base material e a superestrutura ideológica na sociedade burguesa pela questão dos "primus agens" [a primeira força motriz, o primeiro princípio]¹⁵ na relação entre o ser e a consciência por excelência. Para poder decidir esta questão, no entanto, seria preciso considerar o *conteúdo* de ambos os lados *para si mesmo*, para que fique claro qual é o polo da relação é o fundamento e qual polo da relação é a consequência. Como Engels não fornece esse esclarecimento, ele acaba com a caracterização tanto do conteúdo vazio ou tautológico como contraditório da relação entre ser e consciência como "interação", que é determinada "em última instância" pelo ser.

Segundo a concepção materialista da história, na última instância, o momento decisivo na história é a produção e reprodução da vida real. Nem Marx nem eu jamais reclamamos mais nada. Se alguém agora distorce isso no sentido de

¹⁴ Cf. Marx, 1859, p. 10.

¹⁵ Cf. A carta de Engels a Conrad Schmidt de 5 de agosto de 1890, in: MEW 37, p. 436.

que o momento econômico é o único determinante, ele transforma essa frase em uma frase sem sentido, abstrata e absurda. A situação econômica é a base, mas os vários momentos da superestrutura – formas políticas da luta de classes e seus resultados – constituições, estabelecidas após uma batalha ganha pela classe vitoriosa, etc. – formas jurídicas, e agora até mesmo os reflexos de todas essas lutas reais no cérebro dos participantes, teorias políticas, jurídicas, filosóficas, visões religiosas e seu posterior desenvolvimento em sistemas dogmáticos, também exercem sua influência no curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam predominantemente sua forma. É uma interação [!] de todos esses momentos em que finalmente, através de todo o infinito conjunto de contingências [...] o movimento econômico se afirma como uma coisa necessária.¹⁶

Ironicamente, o idealista Hegel, precisamente, criticou uma maneira tão formal de ver a relação entre ser e consciência, que concebe esta relação como "interação":

Assim, por exemplo, quando se trata de estudos históricos, discute-se primeiro a questão de “se o caráter e os costumes de um povo são a causa de sua constituição e de suas leis, ou se, ao contrário são seus efeitos”. Depois se avança até compreender a ambos – caráter e costumes de um lado, constituição e leis de outro – sob o ponto e vista da ação-recíproca [...]. [...] esse modo de compreender não nos proporciona nenhuma satisfação última, porque de fato não se conceitua nem a constituição nem os costumes desse povo; o que só acontece quando os dois lados, e também os demais lados particulares, que manifestam a vida e a história do povo espartano, são conhecidos como fundados nesse conceito [do espartano CI] (Hegel, 2005, § 157 Adendo, p. 286c).¹⁷

130

Marx deu uma indicação da consciência necessariamente falsa na sociedade burguesa na seção sobre o caráter fetichista da mercadoria e seu segredo no primeiro capítulo de *O Capital*. Vol. 1. Lá ele afirma que o fundamento do surgimento de seus produtos de trabalho como mercadorias, dinheiro e capital – a produção privada como uma forma social determinada de sua produção – está desconhecida para os sujeitos.¹⁸ A

¹⁶ Carta de Engels a Joseph Bloch de 21/22 de setembro de 1980, in: MEW 37, p. 463. A "questão básica da filosofia" na filosofia oficial da República Democrática da Alemanha (RDA), o marxismo-leninismo, era a seguinte: "Em última análise, a consciência determina a matéria ou a matéria determina a consciência?" ou "O que é o primário e o que é o secundário?" "O que é o primário, o determinante da interrelação entre matéria e consciência? (Kosing (Orgs.). *Marxistische Philosophie. Lehrbuch*, 1967, p. 115). A constatação de que o ser é primário em relação à consciência é feita nessa visão de mundo por meio de uma *decisão*, ou seja, adotando um ponto de vista ideológico que parte inabalavelmente dessa suposição. Isso é o ponto de vista ideológico a partir do qual a ciência foi exercida na RDA. O conhecimento científico torna-se assim uma questão de um ponto de vista. Como meio da legitimação de uma visão de mundo pressuposta, ela iguala ao escolasticismo, portanto, a um modo de pensar pré-burguês "[...] para esse [escolasticismo], os dogmas da igreja cristã formaram o conteúdo pressuposto, cuja maior determinação e sistematização através do pensar foi a questão" (Hegel, Enc. I, § 38 adendo, TW 8, p. 110). A filosofia burguesa moderna, a medida que ela tem um valor, superou essa posição.

¹⁷ Hegel, 2005, § 157 Adendo, p. 286c.

¹⁸ K. Marx, 2015, p. 146-158.

sociedade capitalista se baseia na ignorância dos sujeitos sobre o que eles fazem. Entretanto, a relação entre ser e consciência, especificamente na sociedade capitalista, só pode ser compreendida se os dois lados dessa relação forem analisados em sua autossustentação.

No marxismo-leninismo, a questão da relação entre ser social e consciência é transformada na questão da relação entre ser material e consciência espiritual. Ao fazer isso, por decisão, ele advoga um materialismo metafísico. Sua pergunta metafísica é: a essência da efetividade é algo espiritual ou material? Na minha opinião, esta pergunta apresenta uma falsa alternativa. A metafísica, desde que Parmênides, pergunta o que é ou existe na verdade. Segundo Parmênides, é o ser que é na verdade; segundo Platão, as ideias são o ente verdadeiro, no qual todas as coisas (finitas) participam; para Spinoza, a substância é o que é na verdade; para Leibniz, as mônadas são os entes verdadeiros, e assim por diante. A ciência e a teoria Hegelo-marxiana não perguntam o que é na verdade, mas o que é, e como isso deve ser explicado. Por exemplo: a essência dos aparecimentos naturais não é algo espiritual ou algo material, mas são as leis que explicam os fenômenos da natureza.

Resumo: A consciência ideológica deixa-se determinar pelo ser social e se submete ao ser social. A consciência revolucionária estabelece o ser social de uma forma racional. A proposição que afirma: "O ser social determina a consciência" é correta, mas somente para o capitalismo e outras sociedades exploradoras. Ao invés, a consciência revolucionária determina o ser social de modo racional.

capitalismo	Ser social determina consciência
marxismo	Consciência revolucionária: ser social = modo racional

4 - Dialética como método da filosofia e da ciência moderna e contemporâneas

O termo "dialética" também é conhecido por pessoas que ainda não leram uma única linha de Hegel, ou seja, como um método do conhecer que está em competição com outros métodos da ciência. O que se entende por dialética já é mostrado por uma crítica da dialética como método do conhecer: para Karl Popper, a dialética é "o deslumbramento dos falsos profetas" ¹⁹, como ele vê os hegelianos e marxistas, e ele entende

¹⁹ K. Popper, 1972, p. 262-288; p. 287. No decorrer de sua luta contra Marx, Popper alega até que Marx, seguindo Hegel, usou o método dialético para destruir qualquer progresso na ciência: "A razão pela qual

aproximadamente a mesma coisa que a representação popular de que a dialética é uma bolsa de truques retóricos, que os críticos usam para turvar o cérebro das pessoas decentes, para que elas acreditem em tudo o que lhes é dito. Popper defende, portanto, a exclusão da dialética dos métodos aprovados da ciência. Ernst Bloch e outros defensores da dialética, como Theodor W. Adorno, veem na dialética um método que dá esperança porque tudo é "mais do que simplesmente é"²⁰. uma forma de ver as coisas não como elas realmente são, mas como a melhor possibilidade de si mesmas, como algo que aponta para além delas. Friedrich Engels já presta atenção especial à dialética como método do conhecimento: "A visão materialista da história e sua aplicação especial à luta de classes moderna entre o proletariado e a burguesia só foi possível por meio da dialética".²¹

Engels afirma que a luta de classes só pode ser compreendida com a ajuda da dialética, isto é, ele coloca como condição para compreender a luta de classes a dialética enquanto método. Nesse sentido Engels, comete o mesmo apriorismo kantiano de que é preciso antes conhecer o método do conhecimento, para depois aplicá-lo ao real no conhecer efetivo, ou seja, aprender a nadar antes de se jogar na água. Com este círculo vicioso, Engels comete um erro que – como veremos – Hegel já havia criticado na aplicação da dialética como um método do pensar.

O que tanto as interpretações positivas quanto as negativas têm em comum é que a dialética é entendida como um método do pensar que se pode escolher ou rejeitar, dependendo do objetivo que se está perseguindo. Entretanto, é absurdo conceber o pensar e a argumentação como um meio para atingir um fim que está fora do pensar. A afirmação de que o conhecer é um meio para um fim pressuposto ao conhecer é estranha. Se o resultado é fixo, se já se sabe o que deve sair do pensar – qual é o objetivo dos esforços intelectuais que produzem o mesmo resultado fixo? Aqueles que, como Ernst Bloch, querem se entregar à esperança devem fazê-lo, e aqueles que, como "falsos profetas", querem vender um embuste a homens ou mulheres, estão defendendo uma mensagem que deve ser acreditada de qualquer maneira, mas para a qual nenhum argumento pode ser

ele [Marx] quer permitir contradições é seu desejo de parar a argumentação racional e, portanto, o progresso científico" (K. Popper, 1992, p. 273).

²⁰ Cf. Th. W. Adorno, 1996, p.166. Em Bloch lemos: "É importante aprender a ter esperança". Seu trabalho não renuncia, ele está apaixonado pelo sucesso em vez do fracasso" (E. Bloch. *Das Prinzip Hoffnung [O princípio da esperança]*, 1974, p. 1). Ao analisar o capitalismo, segundo Bloch, Marx conseguiu encontrar uma "dialética da história" (idem vol. II, p. 725) que "ilumina" o futuro com esperança (idem). Para Bloch, a esperança é a tendência vitoriosa e proposital da história, que Marx deu uma base materialista. Para Adorno, a dialética é o procedimento de antepor à realidade da sociedade burguesa seus próprios ideais: "O que a dialética negativa usa para penetrar em seus objetos endurecidos é a possibilidade da qual enganou sua efetividade e que, no entanto, olha para fora de todos" (Adorno, 1975, p. 60).

²¹ F. Engels, 1880, MEW 19, p. 187c.

encontrado. Fazer um esforço intelectual para um resultado que já foi estabelecido é uma questão bastante supérflua.

O entendimento de Ernst Bloch e Theodor W. Adorno sobre a dialética vai além o de Karl Popper. De acordo com eles, a dialética não é apenas um método subjetivo do pensar. A dialética como método subjetivo do pensar deve ser ao mesmo tempo objetivo, apropriado ao assunto em questão.²² Isto quer dizer que ela é uma forma de fazer ciência que é apropriada para a Coisa que está sendo estudada. Mas como se sabe que o método corresponde à Coisa a ser examinada? Para isso, seria necessário ter examinado a Coisa antes – sem um método – a fim de poder decidir qual método lhe corresponde. Mas então o método é cortado. Por quê? Porque a tese de que um método correto de pensar é necessário para o conhecimento correto do objeto, implica precisamente a adequação do procedimento com o objeto a ser conhecido. A fim de conhecer que o método dialético se encaixa na questão, o objeto já deve, portanto, ser conhecido antes da aplicação do método.

A dialética tem sido utilizada até agora como um exemplo da representação do conhecer enquanto um método em geral. Esta representação do método é compartilhada por todas as ciências modernas, sejam elas adeptas ou oponentes da dialética. A única objeção que estes últimos têm à dialética é que ela é o método errado.

Conhecemos a dialética como um método do pensar que está focado em objetivos muito específicos, por exemplo, a dialética como método que ensina esperança em Bloch; o método dialético que visa sondar o alcance da possibilidade da efetividade dada em Adorno; e a dialética como crítica porque a efetividade é constituída contraditoriamente em Engels e Altvater.

Como a concepção de Hegel da dialética pode ser caracterizada contra o pano de fundo dos entendimentos da dialética discutidos até agora?

5 - A crítica do método de Hegel e Marx: A crítica da concepção instrumentalista do conhecer

²² Assim, por exemplo, para o cientista político berlinense de esquerda, Elmar Altvater, a dialética é "o método da crítica porque o capitalismo é contraditoriamente constituído" (E. Altvater, 1972, p. 41). Esta afirmação não é correta. O capitalismo não deve ser criticado porque é contraditório, mas porque as suas contradições são em detrimento da humanidade trabalhadora. Altvater chega ao ponto de afirmar que o capitalismo e suas crises são uma consequência da categoria lógica da contradição. Crises são "nada mais do que contradições afiadas até o ponto de ostentação" (idem).

Hegel, em seu tempo ainda não era confrontado com o ceticismo epistemológico das ciências singulares contemporâneas como as conhecemos hoje, demonstrou a insustentabilidade de tal concepção do conhecer como método em sua crítica a Kant. Kant, a fim de marcar primeiro o campo para a ciência, examinou a aptidão da faculdade do conhecer antes que a ciência fosse realizada ²³. Sobre isso Hegel diz:

Este é o principal teorema da filosofia de Kant, ela é também chamada de filosofia crítica, na medida em que sua finalidade é, antes de tudo – diz Kant – ser uma crítica à faculdade do conhecer. Antes do conhecer, deve-se examinar a faculdade do conhecer. Isto é plausível para o bom senso, uma descoberta para o bom senso. O conhecer é apresentado como um instrumento, a maneira como queremos nós apoderar da verdade; assim, antes de se poder ir à própria verdade, é preciso primeiro conhecer a natureza, o tipo de seu instrumento. Ele é ativo; é preciso ver se ele é capaz de fazer o que é exigido, – de apreender o objeto; é preciso saber o que ele altera no objeto, a fim de não confundir esta alteração com as determinações do próprio objeto. – É como se alguém pudesse ir à verdade com lanças e paus. Antes da verdade, o conhecer não conhece nada de verdadeiro; então ele está como os judeus, o espírito passa pelo meio. Examinar a faculdade de conhecer é conhecê-la. A demanda, então, é a seguinte: deve-se conhecer a faculdade do conhecer antes de conhecer; é o mesmo que querer nadar antes de ir para a água. A investigação da faculdade de conhecer é ela mesma cognoscente, não pode chegar ao que ela quer chegar, porque ela é ela mesma isso, – não chegar a si mesma, porque ela está junto de si.²⁴

Essa é precisamente a circularidade de tal empreendimento: se alguém considera o conhecer como um instrumento e quer saber se esse instrumento é adequado para descobrir a verdade sobre coisas determinadas, o que mais se pode fazer senão – conhecer, usar o próprio intelecto e confiar nele, antes de testá-lo. Mas então não há necessidade de testá-lo antes do conhecer real na ciência. Mas se quisermos nos agarrar ao fato de que a aptidão do conhecer é uma questão em aberto, então o resultado do exame não vale nada. Neste caso, a Coisa a ser examinada, o conhecer, não pode ser ao mesmo tempo a instância examinadora.

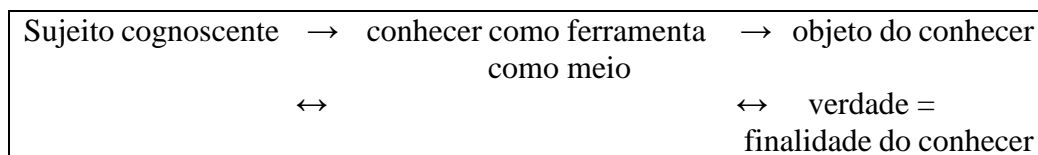
Kant concebe o assunto desta forma: O conhecer é uma ferramenta – lanças e paus, diz Hegel – com a qual se toma mentalmente posse do mundo. Ele trabalha em seu objeto, e a alteração que é causada nele deve ser levada em consideração. Aqui, porém, o conhecer empreendeu algo impossível, pois teria que ser capaz de *comparar* a realidade *fora* do conhecer com a realidade apreendida pelo conhecer a fim de determinar o desvio

²³ À crítica de Hegel a Kant cf. Christian Iber, 2014, p. 814-821.

²⁴ G.W.F. Hegel, *História da Filosofia*, III, TW 22, p. 333.

que o conhecer provoca em seu objeto. De que ponto de vista o conhecer deve ser capaz de fazer a constatação? A Coisa é na realidade diferente do que minha consciência me mostra? Nesse caso o conhecer teria de ser capaz de sair de si mesmo. Assim, um padrão fictício está posto com o conhecer – a *correspondência com a realidade intocada pelo conhecer*, um padrão que não se pode aplicar como sujeito cognoscente, uma vez que não se pode sair do conhecer. E todo o procedimento apenas é bom para uma coisa: colocar uma dúvida infundada no conhecer, uma dúvida de princípio que deve permanecer culpada de prova. O ceticismo de princípios é um caso infundado porque apenas se pode provar déficits e erros determinados no conhecer, mas nunca a aptidão ou inaptidão do conhecer em geral²⁵.

Concepção do conhecer instrumental:



O sujeito cognoscente se comporta externamente ao seu conhecer como meio e o conhecer como meio se refere externamente ao objeto.

O modelo de ferramenta do conhecer concebe o conhecer como uma relação externa entre meio e fim. Em contraste, Hegel afirma a conformidade a fins interior da atividade de conhecimento. A finalidade do conhecer de apreender a verdade do objecto, é uma finalidade imanente do conhecer.²⁶

O mesmo que Hegel, apenas com um enfoque diferente, diz Karl Marx na sua segunda tese de Feuerbach:

A questão se a verdade objetiva pertence ao pensar humano – não é uma questão da teoria, mas uma questão *prática*. Na prática, o ser humano deve provar a verdade, isto é, a efetividade e o poder, a mundanidade do seu

²⁵ Hegel critica a concepção instrumental do conhecer também nos §§ 1-3 da introdução à *Fenomenologia do Espírito*. Cf. Hegel, 2011, p. 71-73. O ceticismo sobre o conhecer começa nos tempos modernos com Descartes e continua com Locke, Hume e Kant. Este ceticismo acompanha a emergência das ciências modernas, por assim dizer, na direção posta.

²⁶ Aquilo que a ciência reivindica de acordo com seu conceito, o rastrear da essência de seu respectivo objeto, sua natureza interior, é pervertido tanto na ciência burguesa moderna quanto pelo materialista do ponto de vista no socialismo real para um tratamento instrumental do objeto, no qual apenas interessa o que nele é importante, relevante para certos fins externos a ele mesmo. Assim, o conhecimento não está mais preocupado com a correção (quer dizer, decifrar corretamente a natureza interna do objeto), mas com a utilidade. O objeto é reduzido às propriedades imediatamente encontradas nele que são relevantes do ponto de vista da utilidade. O conhecimento degenerou assim na subsunção do objeto sob o ponto de vista do cientista. Não é mais interessante o que o objeto efetivamente é, mas apenas que lados, aspectos etc. interessantes ele tem em si para fins pressupostos. A ciência é medida por sua utilidade para a prática, que, portanto, existe fora da ciência, ou seja, não pode ser cientificamente autoconsciente, uma vez que seu saber potencial autoconsciente, a ciência, já está sempre rebaixada a um meio, ao meio da prática deparada.

pensar. A disputa sobre a efetividade ou não efetividade do pensar – que é isolada da prática – é uma questão puramente *escolar*.²⁷

Numa ciência que pensa em objetos reais e produz resultados que depois são também aplicáveis na prática, como é o caso das ciências naturais, a questão se o pensar humano tem alguma verdade objetiva não se coloca de modo algum. E se o conhecer encontra em geral a realidade, nesse caso o conhecer é provavelmente imaginado como um fabulizar separado da efetividade, é uma questão a ser ponderada por outros, nomeadamente aqueles que não praticam a ciência.

Toda a problematização da *relação* entre conhecer e realidade é infrutífera, uma vez que a diferença entre os dois apenas pode ser determinada como possivelmente existente, mas possivelmente não, e, no que diz respeito ao conhecer, uma consequência prática de uma diferença que não pode ser apreendida não pode ser indicada.

Resumo: Aqueles que quebram a cabeça sobre o como ou o modo do conhecimento antes de conhecerem pressupõem que o conhecimento apenas pode ocorrer com a ajuda de um meio (método, etc.). A escolha desse meio (o órgão do conhecimento) é deixada a critério do sujeito, já que deve ocorrer antes do conhecimento do objeto, pois ela deve possibilitar o conhecimento, de modo que o sujeito não possa saber qual meio ou método seria apropriado para o objeto. Aqui, mesmo seu conhecimento prévio do objeto não pode ajudá-lo, pois o método deve ser precisamente o meio para aquele – o conhecimento científico – que vai além do conhecimento prévio.

6 - As barreiras do conhecimento e a sua superação

Hegel continua a sua crítica de Kant na *Ciência da Lógica* da seguinte forma:

Porém, na medida em que, por outro lado, esse conhecimento se sabe como o conhecimento apenas do que é fenomênico [aparecimento], admite-se o caráter insatisfatório do mesmo, mas, ao mesmo tempo, pressupõe-se que, na verdade, as coisas no interior da esfera do fenômeno [aparecimento], como se, desse maneira, apenas a *espécie dos objetos* fosse, por assim dizer, diversa e que uma espécie, a saber, a das coisas em si, não entrasse no conhecimento, mas a outro sim, a saber, a dos fenômenos [aparecimentos]. É como se a um homem fosse concedido possuir uma inteligência correta, acrescentando que, todavia, não seria capaz de reconhecer [einsehen] nada de verdadeiro, mas apenas o não verdadeiro. Se isso é absurdo, da mesma forma é absurdo um conhecimento verdadeiro que não reconheceria [erkennte] o objeto como ele é em si.

A crítica das formas do entendimento teve o resultado indicado: que essas formas não têm nenhuma aplicação às coisas em si. – Isso não pode ter

²⁷ K. Marx. *Teses sobre Feuerbach*, in: MEW 3, p. 5.

outro sentido senão que essas formas são nelas mesmas algo não verdadeiro. Entretanto, na medida em que elas são deixadas como válidas para a razão subjetiva e para a experiência, a crítica não efetuou nelas mesmas nenhuma alteração, mas as deixa na mesma figura para o sujeito como antes avaliam para o objeto. Todavia, se elas são insuficientes para a coisa em si, o entendimento, a quem elas deveriam pertencer, tampouco teria de aceitá-las e se contentar com elas.²⁸

Não existe tal coisa, diz Hegel, que o sujeito cognoscente saiba que ele apenas conhece os aparecimentos, mas não como as coisas são em si, que o seu conhecer tem uma barreira para além da qual ele não pode ir. *Não se pode saber que se está enganado.* Só se sabe isso depois, quando o engano já tiver sido esclarecido. Quando o conhecer conhece as suas barreiras, então o conhecer já está para além das suas barreiras. Kant, por outro lado, alega que a deficiência do conhecimento não é resolvida com o fato de ter descoberto a deficiência. Ele afirma assim a contradição – que tem permanecido um argumento popular até hoje – de que o conhecer humano é *necessariamente insuficiente*. Hegel resolve esta contradição em dois lados:

Se o conhecimento dos aparecimentos é "apenas" possível para o ser humano, então ele não pode saber nada sobre uma "coisa em si", e a afirmação de que tal coisa existe é infundada. Por outro lado, se a investigação de Kant sobre categorias determinadas do pensar, "formas do entendimento", mostrou que elas são deficientes, que não correspondem à essência e à verdade da Coisa, então ele não deve dizer que essas categorias são necessárias e suficientes. Então, essas não são as categorias apropriadas para o conhecimento da verdade. Se já se sabe que elas são deficientes, então já não se está enleado nelas, então também se poderá ir mais longe e determinar a deficiência que elas têm. Em geral, as categorias resultam da finalidade do conhecer a fim de averiguar a verdade.

7 - Como é que a lógica dialética investiga as categorias do conhecer da efetividade?

Hegel diz sobre a tarefa da *Ciência da Lógica* por ocasião da sua crítica a Kant na *Enciclopédia*:

Decerto, as formas do pensar não devem ser utilizadas sem exame: mas esse próprio exame é já um conhecimento. É preciso, assim, que estejam reunidas no conhecimento a atividade das formas-de-pensamento e sua crítica. As formas-de-pensamento devem ser consideradas em si e para si; são o objeto e

²⁸ G.W.F. Hegel, 2016, p. 48c.

a atividade do objeto mesmo; examinam-se a si mesmas, e devem determinar nelas mesmas seu limite e mostrar sua falha.²⁹

Não é a faculdade de conhecimento que deve ser fundamentalmente questionada, como faz Kant, mas existem falsos padrões de pensamento e categorias deficientes a serem examinados e criticados. E isto apenas pode ser feito *medindo-as nelas mesmas*, não comparando-as com a "realidade", mas examinando se elas conseguem aquilo a que elas visam, nomeadamente determinar a essência e a verdade de uma Coisa. Essa é a única tarefa real que a lógica dialéctica se impõe.

Que a dúvida fundamental sobre o conhecer se opõe à eliminação de certos erros foi a descoberta de Hegel. A filosofia contemporânea da ciência consiste inteiramente no registo de reservas sobre o conhecer. Afirmações e argumentos fortes já não são feitos, testados, rejeitados ou aceitos com razões. Para Popper, basta apontar a "possibilidade de erro" fundamental no conhecer.

A referência à possibilidade de erro em princípio não significa que certos erros devam ser eliminados. Se se colocar todos os pensamentos sob uma suspeita completamente abstrata de que eles podem ser falsos, então não se pode mais distinguir entre pensamentos corretos e incorretos. Depois permite-se – claro que sempre com grande desconfiança – que todas as posições se mantenham, sem que se faça uma crítica e se distinga entre verdadeiro e falso. A crítica trabalha com esta diferença nas ciências singulares, bem como na lógica e na filosofia em geral.

O que significa a crítica de Hegel e Marx ao método para uma teoria dialéctica racional das categorias? Antes de mais, ela significa que o conhecer científico de uma Coisa determina, categoricamente, até que a sua essência e verdade sejam determinadas. Uma lógica dialéctica racional desdobra as categorias do conhecer visando a verdade em abstração do conteúdo específico que as categorias têm em cada uma das ciências singulares. A lógica dialéctica é o autodesenvolvimento cognoscente das categorias da efetividade e do pensar reduzido à sua universalidade lógica.

Para as ciências vale: As categorias do conhecer capturam o conteúdo específico dos objetos. Para a lógica dialéctica vale: As categorias do conhecer são consideradas na sua universalidade, quer dizer, em abstração do conteúdo particular que elas apreendem nas ciências singulares.

²⁹ Hegel, 2005, § 41 Adendo 1, p. 109.

Tanto as ciências burguesas modernas quanto os materialistas do ponto de vista no socialismo real renunciaram a essa pretensão de verdade e objetividade do conhecimento científico. Ambos os ramos da ciência partem do princípio de que o conhecimento, por ser feito por sujeitos, é inevitavelmente afetado por sua determinidade social (ponto de vista, interesses, horizontes, etc.). Nesse caso, o materialismo participa do ceticismo da ciência moderna. Ambos se tornaram estranhos à vista, ainda tomada como evidente por Hegel e Marx, de que o conteúdo do conhecimento deve ser o próprio objeto. Como todo conhecimento depende do sujeito cognoscente, o objeto nunca pode ser determinado como ele é *em si e para si*, mas apenas como ele *aparece* ao cientista. E essa perspectiva é, é claro, "socialmente condicionada".

A correta intelecção de que cada perspectiva, cada ponto de vista, cada método, na medida em que ele é aplicado ao objeto a partir do exterior, é socialmente condicionado, não permite, entretanto, concluir que o conhecimento científico é necessariamente condicionado socialmente em seus resultados, uma vez que a ciência deve se preocupar em conhecer o objeto como ele *é*, e não apenas como *aparece* ao respectivo cientista. O relativismo da tese de historicidade, portanto, a suposição de que o conhecimento científico é condicionado pelo tempo ou por condições histórico-sociais, é o resultado necessário de uma ciência que apenas é capaz de representar a objetividade como refratada através da perspectiva particular dos sujeitos.

A forma geral de organização das ciências modernas é o pluralismo. Como o conhecimento que se tem do objeto já está sempre dependente do ponto de vista que se adota em relação ao objeto, uma disputa sobre a objetividade do saber – e portanto uma crítica imanente – é naturalmente ociosa, já que o critério do saber não se encontra dentro de si mesmo, mas no ponto de vista pressuposto. Todos têm sua finalidade, portanto todos têm razão e, ao mesmo tempo, ninguém tem.

O fato de os materialistas do ponto de vista no socialismo real tornarem absoluto seu ponto de vista ideologicamente ancorado é a negação do pluralismo no nível do próprio pluralismo. Os materialistas do ponto de vista perderam o saber de que a crítica de Marx à ideologia era uma crítica à falsa consciência e uma demonstração de sua necessidade social. Aqueles que quebram a cabeça sobre a constituição social do conhecimento correto – necessariamente em vão – deveriam se certificar da intelecção cada vez mais enterrada de que o conhecimento correto não tem nada além do próprio objeto como seu conteúdo, e com isso está livre de escórias socialmente subjetivas.

8 - Resumo e resultado

A diferença entre o programa teórico de Hegel e de Marx é agora claramente evidente. Enquanto Hegel atribui à lógica um carácter de princípio para as ciências, Marx nega esta função de princípio da lógica. Segundo Marx, o conteúdo particular dos objetos das ciências singulares não pode ser derivado da natureza lógica universal das categorias. É por isso que a lógica dialética não está no início do programa teórico de Marx, mas sim no final.

Exemplos:

Hegel: A relação lógica de substância e acidente explica o que se trata do Estado e de seus cidadãos. Portanto, Hegel está satisfeito por encontrar na teoria do Estado a categoria lógica da substância na sua relação com os acidentes.

Marx: A relação lógica da substância e de seus acidentes não explica a relação do Estado com os seus cidadãos; falta-lhe a diferença específica que faz a relação lógica de substância e acidentes a relação do Estado com os seus cidadãos. O que torna a relação lógica da substância com os seus acidentes a relação do Estado com os seus cidadãos apenas pode ser deduzida a partir de um exame do Estado. Ao fazê-lo, é claro que é útil saber de que se trata a categoria lógica da substância e de seus acidentes. Portanto, é útil se, durante ou após a ciência executada, se tratar também da lógica dialética, ou seja, por exemplo, da relação lógica de substância e acidentes.

Conclusão: Ao nível da macroestrutura, torna-se evidente em que consiste a inversão do programa teórico de Hegel por Marx. Enquanto a sequência de Hegel é: lógica – ciências filosóficas, a sequência de Marx é: ciências singulares – lógica. Marx escreveu, portanto, a Engels ainda quando ele estava trabalhando em seu *O Capital*:

Se alguma vez chegasse novamente o tempo para tal trabalho, eu teria um grande desejo de tornar acessível ao senso comum em 2 ou 3 folhas impressas o *racional* do método que Hegel descobriu, mas ao mesmo tempo mistificou.³⁰

Esta inversão do programa teórico de Hegel por Marx reflete, em termos de história filosófica, a independência das ciências singulares contra a filosofia. As ciências singulares precedem irredutivelmente à filosofia. Em Marx, a filosofia se torna uma reflexão crítica posterior sobre as ciências singulares. Neste sentido, a crítica de Marx à

³⁰ K. Marx, Carta a Engels (1858), MEW 29, p. 260.

economia política é uma reflexão filosófica crítica sobre a ciência singular da economia política. Mas mesmo no caso de Marx, como no de Hegel, a filosofia, em contraste com as ciências singulares, permanece um conhecer relacionado com o todo do que é. Entretanto, a filosofia em Marx, à qual pertencem as reflexões sobre a lógica dialética, tem um caráter retrospectivo³¹.

9 - Considerações Finais

O que diz respeito ao método dialético e à lógica dialética no sentido mais restrito, pode-se dizer o seguinte: É verdade que Hegel e Marx mantêm o método dialético ao longo de seus estudos, e isto porque, segundo eles, o caminho do pensar é, por excelência, dialético. O pensar ocorre dialeticamente. O pensar da lógica formal não pensa.

Entretanto, ambos diferem em sua avaliação do significado das estruturas formais das categorias do pensar dialético. Enquanto Hegel lhes atribui um papel fundamentador e, portanto, coloca a lógica que investigá-las no início das ciências filosóficas, Marx é da opinião que o conteúdo concreto das ciências singulares não pode ser derivado das estruturas formais das categorias do pensar dialético. Portanto, a discussão destas estruturas formais das categorias do pensar se situa no final das ciências concretas. Eles são o tema de uma lógica dialética que está no final das ciências. A lógica dialética é, por assim dizer, um luxo na ciência.

Esta é precisamente a diferença decisiva entre o idealismo de Hegel e o realismo de Marx:

Hegel defende um monismo ontológico do pensar, segundo o qual qualquer conteúdo concreto do pensar pode ser derivado do próprio pensar. Pensar = Ser. Marx defende um realismo do pensar segundo o qual existe um hiato irredutível entre o pensar e o ser. O conteúdo concreto do pensar é dado ao próprio pensar, não derivável do pensar. Também se pode dizer:

Hegel: identidade ontológica entre pensar e ser. Marx: diferença ôntica entre pensar e ser.
--

Esta intelecção da diferença ôntica entre pensar e ser não é uma intelecção original de Marx. Foi primeiro formulado pelo Schelling tardio e depois pelo Feuerbach.

³¹ Sobre a relação da filosofia com as ciências depois de Hegel, cf. Christian Iber, 2011, p. 40-56.

Referências bibliográficas:

- ADORNO, Theodor W. *Zur Metakritik der Erkenntnistheorie*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1976.
- ADORNO, Theodor W. *Negative Dialektik*, in: *Gesammelte Schriften*. Rolf Tiedemann (Org.), Bd. 6: Suhrkamp, 1996.
- ALTVATER, Elmar. *Einige Probleme des Staatsinterventionismus*, in: *Probleme des Klassenkampfes*. Heft 3, 1972.
- ENGELS, Friedrich, *Die Entwicklung des Sozialismus von der Utopie zur Wissenschaft* (1880), in: MEW 19, 181-228.
- FEUERBACH, Ludwig. *Vorläufige Thesen zur Reformation der Philosophie* (1827/28). In: *Gesammelte Werke*, Bd. 9. Werner Schuffenhauser (Org.). Berlin 1970, S. 243-263.
- HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução: Paulo Meneses. VSão Paulo: Editora: Vozes, 2011.
- HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêncio* (1830l). *Volume I*, Trad Paulo Meneses. São Paulo: Editora Loyola, 2005.
- HEGEL, G.W.F. *Ciência da Lógica. 3. A Doutrina do Conceito*. Tradução: Christian G. Iber, Fedrico Orsini. Petópolis, RJ: Vozes, São Paulo, 2018.
- HEGEL, G.W.F. *Theorie-Werkausgabe in 20 Bänden*. E. Moldenhauer, K.M. Michel (Orgs.). Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1969c. (cit.: TW)
- HEGEL, G.W.F. *Geschichte der Philosophie III [História da Filosofia III]*. In: TW 22.
- IBER, Christian. *Filosofar hoje: Desafios e Perspectivas [Philosophieren heute: Herausforderungen und Perspektiven]*. In: *Projetas de Filosofia II*. Agemir Bavaresco, Marcelo Gross Villanova, Tiegüe Vieira (Org.). Série Filosofia 211. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 40-56.
- IBER, Christian. *Observações sobre a crítica de Hegel à crítica de Kant à razão/Bemerkungen zu Hegels Kritik an Kants Vernunftkritik*. In: *Las aportes del itinerario intelectual de Kant a Hegel. Comunicaciones des I Congreso Germano-Latinamericano sobre la Filosofia de Hegel/ Os aportes do itinerário intelectual de Kant a Hegel. Comunicações do I Congresso Germano-Latinoamericano sobre a Filosofia de Hegel*. Héctor Ferreiro, Thomas Sören Hoffmann, Agemir Bavaresco (Coms./Orgs.). Série Filosofia 225. Porto Alegre, RS: Editora Fi, EDIPUCRS, 2014, p. 815-821. ISBN – 978-85-66923-38-4, 1571 páginas.
- KOSING, Alfred (Org.). *Marxistische Philosophie. Lehrbuch*. Berlin: Dietz Verlag 1967.
- MARX, Karl/ENGELS, Friedrich. *Werke (=MEW)*, 39 Vol., 1 Vol. suplementar em duas partes, 2 registros. Berlin (DDR) Dietz Verlag, 1956c.
- MARX, Karl/ENGELS, Friedrich. *Die deutsche Ideologie (1845/46)*, in: MEW 3.
- MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel (1843)*. Tradução: Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie (1843)*. In: MEW 1.
- MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857;1858:esboços da crítica da economia política*. Tradução: Mario Duayer, Nélio Schneider, São Paulo: Boitempo, 2011.

- MARX, Karl. *Zur Kritik der Politischen Ökonomie* [À Crítica da Economia Política] (1859), in: MEW 13.
- MARX, Karl. *O Capital. Livro 1. O processo de produção do capital*. Tradução: Rubens Enderle, São Paulo: Boitempo, 2015.
- POPPER, Karl. *Was ist Dialektik?* In: *Logik der Sozialforschung*, E. Topitsch (Org.), Köln 1972, p. 262-288.
- POPPER, Karl. *Die offene Gesellschaft und ihre Feinde. Bd.2*, 1. Auflage 1957), 7. Auflage: Tübingen 1992.
- REICHELT, Helmut. *Zur logischen Struktur des Kapitalbegriffs bei Karl Marx*. Frankfurt am Main: Europäische Verlagsanstalt, 1970; Neuauflage: Freiburg im Breisgau: ça-ira-Verlag, 2021.
- SCHELLING, Friedrich Wilhelm Joseph. *Philosophie der Offenbarung* (1848). In: *Sämtliche Werke (= SW)*. Karl F. A. Schelling (Org.), Bd. XIII, Stuttgart/Augsburg 1856-61.